

# Prefácio

Dra. Cláudia Naylor

Na prática da cura, um coração amável é tão valioso quanto o treinamento médico, porque é a fonte de felicidade para si e para os outros. Não só as outras pessoas respondem à bondade, mesmo quando a medicina é ineficaz, mas cultivar um coração amável é uma causa da nossa boa saúde!

Dalai Lama, 2005

**E** escrever artigos científicos, capítulos de livros e avaliar dissertações e teses nos temas de medicina faz parte da produção acadêmica de muitos médicos. Existe um processo de aprendizado e necessidade de um tempo para que essa experiência se torne de boa qualidade e mesmo prazerosa. Misturam-se aí sentimentos de valorização, autoestima e mesmo compartilhamento de experiências.

No entanto, nada se compara à emoção experimentada ao receber um convite para prefaciar uma obra como esta. Sentimentos muito maiores e mais profundos vêm à tona: compaixão, significância, pertencimento, esperança, amor. *Esperança para viver e para partir* vem preencher uma lacuna há muito sentida nessa área. A medicina alcançou avanços magníficos a partir do século 20, oferecendo a promessa e esperança de tratamentos curativos e vida mais longa. No entanto, o extremo aprimoramento técnico culminou em afastamento e desumanização nos cuidados aos pacientes. O que tem sido ignorado é que não adianta o quanto se estude, pesquise e desenvolva; há um mistério inerente na vida que ainda não foi respondido: pessoas ainda morrem e pessoas ainda sofrem apesar de todos os avanços tecnológicos e científicos.

## 8 | Esperança para viver e para partir

Este livro, em boa hora nos oferece o conforto da descoberta de que não temos todas as respostas quando nossos pacientes nos perguntam “Por que eu?” ou “Por que agora?” e, ao mesmo tempo, nos oferece a oportunidade de refletir sobre nosso papel como profissionais de saúde, podendo um dia estar na situação de pacientes como os nossos: terminais, vulneráveis, em sofrimento.

A grande emoção de escrever este prefácio tem duas razões maiores, e uma delas é o livro ter sido escrito por Eleny Vassão, minha inspiração para implantar a Capelania na Unidade de Cuidados Paliativos do Instituto Nacional de Câncer (INCA), no Rio de Janeiro. Como diretora daquela unidade, à época, reconhecia a importância da dimensão espiritual da existência humana e especialmente a urgente necessidade desse suporte aos pacientes, todos com câncer em estágio avançado, sem possibilidade de cura. Mas como atender a tal demanda numa instituição laica? Como implantar essa “nova atividade” num cenário clínico que tradicionalmente mantinha uma notável separação entre o espírito e as coisas do corpo? Como me embasar do conteúdo necessário para discutir no mais alto nível que, ao dar credibilidade a essa importante dimensão de nossa vida, nos abrimos a um tipo de cura que, embora não necessariamente curativa, nos restaura uma totalidade que talvez seja mais significativa do que a cura de uma doença física?

Procurando incessantemente por uma resposta a todas essas questões, finalmente tive acesso aos livros de Eleny, que deliciosamente devorados um a um, me deram o respaldo necessário para argumentar que é vital que o nosso sistema de saúde reconheça não só a dimensão espiritual da vida das pessoas, mas também reconheça que o campo da medicina é em si espiritual; o INCA não poderia se furtar a esse reconhecimento e, assim, o “Suporte Espiritual” nasceu na instituição. Durante sua implantação, a biblioteca com a produção literária de Eleny Vassão crescia e se ramificava entre nossos profissionais, mas sua figura como pessoa física nos era distante: “Será que Eleny viria ao Rio?”, “E se convidássemos Eleny para nos dar um curso, ela teria tempo?”, “Ela é muito requisitada e muito ocupada, como poderíamos chegar a ela?”.

Mas a linha do tempo da vida corre como tem de ser e, um dia, durante um evento científico sobre Cuidados Paliativos de que eu fazia parte, me deparei com Eleny Vassão em pessoa, palestrando, oferecendo seus conhecimentos e sua experiência, ministrando misericórdia para a plateia – não tenho outra maneira de expressar sua apresentação, naquele momento. Ao término de sua exposição, tomada pela coragem dos admiradores, me encaminhei para parabenizá-la. Quando me apresentei, com seu sorriso que expõe todo seu enorme coração ela disse: “Como eu queria conhecê-la, Cláudia Naylor! Que enorme prazer em falar com você! Teria um tempo para conversarmos?”. Minha admiração foi contemplada com uma grande e amorosa amizade que

perdura por mais de dez anos e devo dizer que minha biblioteca, com suas publicações, continua a crescer!

A segunda razão maior para minha emoção, tão forte quanto a primeira, é este livro ter como pano de fundo a história do médico Rudy Uchôa, um jovem colega de profissão do mais alto nível que faleceu no ano de 2015, com pouco mais de 40 anos, por câncer, doença que conhecia muito bem.

Dr. Rudy Uchôa havia sido meu residente no INCA e de nosso convívio preceptora-aluno nasceu uma grande amizade. Os diferentes caminhos e jornadas profissionais, a distância física e o curto tempo que oferecemos aos nossos bons sentimentos (e só damos valor nos tempos difíceis) se incumbiram de nos afastar. No entanto, não conseguiram impedir a necessidade de contato quase imediato quando esse meu jovem amigo e colega recebeu seu diagnóstico (...).

Era uma tarde de quinta-feira, e me lembro do dia da semana, pois é o dia da sessão clínica na unidade, e eu já estava em minha sala ligando o computador para responder às demandas, quando me deparei com um *e-mail* de Rudy, dentre os vários que recebia todos os dias. Surpresa e muito feliz, dei preferência a sua mensagem antes das demais:

Claudinha, há quanto tempo! Espero que esteja bem. Moro em São Paulo e estou entrando em contato, pois precisava dizer a você, que me ensinou como tratar um paciente com doença avançada, que agora, eu sou um paciente em Cuidados Paliativos. Poderia me passar seu telefone? Não sei se é o mesmo. Um beijo, seu ex-residente, Rudy.

Na hora, o choque me remeteu ao dia em que conheci Rudy, médico com residência recente em anesthesiologia, recém-chegado ao Rio de Janeiro, sendo submetido à prova oral e entrevista após passar na prova escrita para Especialização em Cuidados Paliativos do INCA. Após as questões técnicas, nossa banca deu sequência à entrevista com perguntas mais subjetivas e sua resposta, a uma delas particularmente, me fez perceber seu potencial:

“Dr. Rudy, sendo anestesista, por que decidiu fazer Cuidados Paliativos e não Clínica da Dor diretamente?”

“Doutores, dor é apenas mais um sintoma dentre vários, e se eu não entender como abordar o paciente como um todo, não vou tratar a dor de forma adequada. Vou fazer Clínica da Dor, com certeza, mas Cuidados Paliativos é que vão me ajudar nesse sentido.”

Dr. Rudy Uchôa se tornou nosso residente; na posição de chefe da Enfermaria e preceptora dos residentes à época, organizei seus horários: enfermaria, ambulatório, assistência domiciliar, visitas de finais de semana e plantão. Para a enfermaria, ele ficou sob a responsabilidade de um *staff*

também anestesista, de ótima formação em dor e brilhante paliativista, Dr. Luis Guilherme, e para o plantão, Rudy ficou comigo, às segundas-feiras. Nesses plantões, entre atendimentos incessantes de pacientes vindo à emergência e atendimentos nos andares do hospital, entre os lanches com pizza trazidos pelo marido e raros períodos de tranquilidade, nasceu nossa amizade. O amor pela música, suas aventuras, suas aspirações faziam parte de nossas conversas.

Sua excelente formação médica, sua postura prestativa, humilde e disponível o faziam ser amado pelos seus pacientes. Ao mesmo tempo, como preceptores, tínhamos que lhe dar foco – ser de fora e estar no Rio de Janeiro, morando com outros residentes do INCA, merecia nossa atenção, e Rudy respondia a nossas pressões. Às vezes, como todo residente, tentando dar “nó em pingo d’água”, recebia de volta: “Rudy, você não tem a malandragem necessária. Seu rosto é de uma transparência quase infantil (...) nem tente! Deixe de ser *Rudyículo!*” Todos ríamos e isso virou um chavão, usado pelo próprio Rudy.

Agora, volto à fatídica quinta-feira, quando recebendo seu *e-mail*, fico sem palavras, com o coração acelerado, rezando para que a notícia não passasse de uma implicância de meu amigo Rudy. Passei meu celular imediatamente e, em segundos, recebi sua ligação: “Claudinha, estou com câncer de próstata e metástases ósseas, por todo o corpo”.

Na tentativa desesperada de não querer aceitar tal verdade, exponho abertamente aqui que deixei de lado e esqueci toda minha experiência, minha vivência e meus conhecimentos técnicos em oncologia e simplesmente quase gritei:

“Meu querido, deixe de ser Rudyículo! Você nem tem idade para isso! Do que você está falando? Como assim?”

“É a mais pura verdade e eu precisava falar com você! Estou falando com todas as pessoas importantes para mim e você é uma delas! Precisava conversar um pouco (...).”

“Claro, meu amigo (...) por favor, me diga o que posso fazer?!”

“Só me ouvir (...) o que mais me angustia nessa história toda é saber que não vou ver minha filhinha crescer, se formar, se casar (...) o sorriso dela é meu sol, ela é linda, Claudinha (...) o sorriso dela me faz querer lutar e ficar por aqui o maior tempo possível!”

“Você tem uma filhinha, Rudy?”

“Tenho e vou mandar fotos dela agora mesmo para você! Tenho uma família linda, uma esposa linda, filhos lindos (...).”

Ficamos em contato por *e-mail* no tempo que ele conseguiu e soube por ele que Eleny Vassão o estava acompanhando, apoiando, despejando o amor de seu enorme coração para meu amigo (...). Combinamos de nos ver assim que eu chegasse em São Paulo para o evento a que Eleny havia me convidado:

“Esperança para viver e para partir” promovido pela Associação Capelania Evangélica Hospitalar e Universidade Mackenzie, em agosto de 2015.

Não conseguimos nos ver (...) Dr. Rudy Uchôa, meu ex-residente no INCA, um jovem colega de profissão de alto nível, meu amigo partira dois meses antes.

Durante o evento, textos, livros, cartas e gravações de Rudy foram compartilhados com toda a audiência: “Sou médico e também estou com câncer” faz parte do profundo e importantíssimo legado que ele nos deixou sobre sua vivência, suas experiências, sua fé, durante o período de sua doença, como nos disse em seu vídeo:

“Legado é aquilo que você deixa de si mesmo na vida de outros para o futuro de toda uma geração.”

Você verdadeiramente deixa um legado, querido Rudy, não só registrado em papel ou filme para todos nós, mas também nessa família linda que me foi dada a honra de conhecer e fortemente abraçar: os lindos filhos incluindo o sol de sua vida, “Jujubinha”, uma espoletinha loura e linda, com o mesmo rosto redondo que você tinha, e sua linda esposa Juliana, que contou a história de amor de vocês dois (...).

Um grande beijo com todo o carinho de minha alma!

Sua *staff*, colega de plantão, colega de profissão, amiga,

Claudinha